

Consolidando sua trajetória de ficcionista, a premiada escritora Adelice da Silveira Barros traz a público seu novo romance, *Barrabás*. No terreno da ficção, a literatura goiana tem sido tradicionalmente mais pródiga em narrativas curtas, contos e novelas, e mais parcimoniosa em romances. Adelice, com o romance *Um jeito torto de vir ao mundo* e com a coletânea de contos *Prisioneiros do vento sul*, para mencionar apenas duas obras suas, já comprovou sua competência em ambas as modalidades ficcionais. Agora, este *Barrabás*, seu terceiro romance, vem mais uma vez surpreender e seduzir o leitor.

Optando pela narrativa em primeira pessoa, pela voz do protagonista que conta sua própria história, a autora impôs a si mesma uma tarefa difícil, a de, sendo mulher, assumir uma fala masculina. Para tanto, assume também um modo masculino de ver o mundo. Demonstrando segurança e maturidade no ofício de escrever, Adelice entra na pele de seu personagem, o atormentado jornalista de meiaidade e de nome tão inusitado, e apropria-se de sua voz, de seus anseios e culpas, construindo uma narrativa mais do que verossímil, instigante, capaz de segurar a atenção do leitor do início até o final.

O primeiro parágrafo já põe o leitor em sintonia com a atmosfera pesada que envolve o texto, misto de revolta, insatisfação, impaciência, culpa. Como se o protagonista abrigasse uma fera bravia dentro de si, prestes a romper a jaula apertada de seu peito. E ele fala, fala, rememora, mistura fatos do presente com lembranças do passado. As ações correm em paralelismo, alternando ações internas (da memória) e externas (do presente). O que é vivido e o que é rememorado confunde-se, repete-se. Há cenas que parecem não se encaixar bem, soam incompletas, obscuras. Nesses momentos, o leitor precisa também assumir a paciência olímpica de Guida, a esposa de Barra-bás (ou simplesmente Bá, como os amigos o chamam) e aguardar o desfecho da narrativa, quando tudo finalmente se esclarece. Essas suspensões, desencontros e hiatos nas ações narradas, além de desenharem o perfil neurótico do protagonista de modo convincente, impelem o leitor adiante na linha narrativa que se desenrola difícil, ávido que está por completar os espaços do não-dito.

A escolha do estranho nome do personagem central não foi aleatória. É por demais conhecida a passagem bíblica em que Pilatos, desejando livrar-se das consequências do presságio que sua mulher tivera em sonhos, propõe à multidão de judeus que escolham a quem conceder a mercê da liberdade, se a Jesus ou a Barrabás, um notório bandido. Barrabás, perplexo com a decisão, que a ele mesmo parecia injusta, é então libertado, e Pilatos lava as mãos. Bem no início do romance, o episódio bíblico volta à memória do protagonista, que se indaga agoniado:

"Tentei disfarçar o soluço que me escapava traiçoeiro, enquanto a pergunta renitente latejava em minhas têmporas: e quanto à catástrofe, teria sido evitada se o povo não tivesse proposto – ou sido induzido a propor – a troca? Entre o Filho de Deus, a encarnação do bem, e o ladrão, representando o mal, o escolhido foi o ladrão. A questão que ainda hoje se discute é esta: no plano de Deus – e é evidente que Ele tinha um plano – fica difícil distinguir a escolha certa, porque o mal se fazia necessário para que a profecia pudesse ser cumprida. Barrabás, o escolhido? O safado? Ou o inocente perplexo que se transformaria em vilão? Eis a questão."

Daí em diante, a voz do narrador vai repetidamente manifestar sua perplexidade, declarando não entender por que ele foi inocentado, por que ninguém lhe atribuiu culpa nenhuma. Por qual delito? Isso ele reluta em revelar e só vai fazer quase ao final do romance, quando, cheio de perplexidade, descobre que, como seu homônimo bíblico, não pode mais ser imputado. O tempo varreu tudo. Não há crime, não há culpa. Nem perdão.

Esta é uma narrativa confessional, à semelhança do romance *O amante*, de Marguerite Duras, e do conto "A confissão de Leontina", de Lygia Fagundes Telles (incluído na coletânea *Meus contos preferidos*, 2003), ambos textos paradigmáticos nessa modalidade. Nas narrativas confessionais, o foco narrativo é de primeira pessoa e o narrador mostra-se hesitante, reticente, dá voltas no assunto, temeroso de expor o cerne de sua culpa. No afã de revelar encobrindo, diz meias-verdades, retarda a confissão ao máximo, enquanto vai construindo para seu suposto interlocutor – alguém de dentro da trama e/ou o leitor – uma imagem positiva de si mesmo, capaz de atenuar a própria culpa. Barrabás, o protagonista criado por Adelice da Silveira Barros, também se comporta de acordo com esse padrão. Já bem no início do relato ele deixa clara essa sua hesitação:

"E o impulso insensato da multidão absolvendo Barrabás [...] resultou em quê? Bem, disso vou falar depois. [...] Naquela noite [...] por razões obscuras, mal explicadas, sucumbi a mais um de meus descabidos impulsos: de repente a decisão da viagem cujo fim..."

Não, do fim recuso-me a falar. Este é o começo. Não vou subverter a ordem das páginas. Não desta vez."

Note-se, ainda, na transcrição acima, que a cada hesitação do narrador corresponde um flashforward, um vislumbre do futuro, um anúncio incompleto do que ainda virá com o prosseguimento do relato. Esse recurso de construção narrativa contribui para aguçar a curiosidade do leitor pelo desenrolar da trama.

A impaciência do protagonista, que parece à primeira vista ser um antagonismo gratuito com a família da mulher – atritos comuns entre genro e sogra – amplia-se em comportamentos anti-sociais igualmente gratuitos na festa de passagem de ano em família. À aversão pelo ano novo e o futuro que ele descortina corresponde uma busca pelo seu oposto, o passado e o que ele esconde. Bá empreende, então, uma jornada em busca do passado. Primeiro, pela via da memória, recuperando fragmentos da infância e da juventude. Depois, pelo deslocamento geográfico mesmo, rumando com a mulher para o Centro-Oeste. Dentro do carro, três passageiros: Bá, Guida e o passado, obscuro personagem acomodado no banco de trás, que só desaparece quando Bá chega a seu destino, a represa de sua juventude. São duas viagens que seguem paralelas, uma no tempo, outra no espaço, no encaixe de uma culpa e na busca de sua punição. Em outras palavras, são viagens iniciáticas de purificação do protagonista.

Um detalhe que aproxima este Barrabás da protagonista do primeiro romance da autora, *Um jeito torto de vir ao mundo*, é a busca da própria identidade. Ambos descobrem ser filhos adotados, sentindo-se estranhos no ninho que os acolheu. Iana, a menina ruiva, fica sabendo que não é filha, mas sobrinha de sua suposta mãe. Barrabás não tem esse consolo, ele é um perfeito estranho, sequer partilha a origem étnica de seus pais árabes. Assim como a viagem, sempre revestida de tonalidades simbólicas, a busca da identidade, desde o legendário Édipo, é um tema que fala de perto a cada leitor. Quem já não se sentiu um estranho dentro de sua própria família? Adelice, neste e no romance anterior, soube tocar esta corda do coração do leitor com muita competência.

Como o primeiro Barrabás, cuja história de vida a Bíblia não registra – afinal, ele é um personagem secundaríssimo, ali está apenas para cumprir a sina da condenação de Cristo – também o herói deste romance é desprovido de uma história pessoal (de onde veio? Quem eram seus pais? Por que ele foi adotado?) e mais, com um tal nome, ele já carrega a inapelável sina de atuar como um instrumento do Destino. Sendo assim, onde a culpa? Por que motivo a punição?

Aliás, o intertexto bíblico está muito presente neste ro-man-ce, atualizando cenas do Antigo Testamento, como o jardim do Éden e a serpente, a confusão de línguas de Babel e o sacrifício de Isaac. Contudo, a intertextualização se faz especialmente com o Novo Testamento, em cenas da paixão de Cristo, motivadas pelo nome do protagonista. Ele não apenas tem o nome do bíblico Barrabás. Ele convive com seu homônimo, sente sua presença. Um dia, num momento epifânico, percebe que o outro se apoderou dele, agora ele é Barrabás:

"Então senti a presença de alguém; soube imediatamente que se tratava dele. Não tive medo ou asco: simplesmente aceitei a posse e até gostei da idéia. Assumi sem reação minha nova personalidade: aos treze anos eu era, definitivamente eu queria ser Barrabás, o ladrão, o assassino que viera de um lugar barra-pesada para badernar a vida de cidadãos aparentemente pacatos."

A falta de uma identidade sua, o protagonista assume a de seu patrono. Exotismo de roupas e cabelos, comportamento agressivo, ensimesmamento são atitudes juvenis de defesa, de afirmação de personalidade e de disfarce, que ele assume para afirmar-se como pessoa e para encobrir a paixão que nutre pela irmã e que vai desencadear a ira do pai, assim como os acontecimentos subseqüentes.

Como quem desenrola um novelo, o narrador vai expondo, pouco a pouco, sua vida: o aniversário da irmã, a paixão entre ambos, que se torna escancarada aos olhos da família durante a festa, o encontro secreto na represa, a viagem e o sumiço do pai, a decisão de sair de casa e ir para São Paulo, os reveses, o diploma, a profissão e Guida, a sofisticada herdeira de sobrenomes ilustres. As cenas vão sendo reveladas em linhas narrativas cruzadas, e o leitor vai unindo os pedaços, costurando sentidos.

Súbito, perto do final, o ritmo narrativo é sacudido bruscamente pela intromissão de outras vozes, de tom bem prosaico:

"E aí, chefe, quanto rendeu o papo com o jornalista almofadinha, o paulistano? Rendeu?! Que rendeu que nada, Mandinga, foi trololó perdido, sem fundo nem fundamento.[...]

Sabe o que o cara queria, Mandinga? Confessar um crime."

O estranhamento provocado pela intromissão dessas vozes se desfaz e o longo monólogo de Bá adquire inapelavelmente o caráter de confissão. Que, segundo afirma o delegado, está toda gravada. Sem qualquer efeito prático, pois, além de ser crime prescrito, o cadáver nunca foi encontrado e o autor era menor. Assim, o enorme peso carregado por Barrabás durante toda sua vida e o supremo esforço que empregou para revelá-lo transformam-se num lance de ironia do destino, que adquire tons grotescos com a despedida que lhe dá o delegado, recusando-se a prendê-lo:

Faça o que bem entender. Chafurde-se na lama da culpa até o último dos seus dias ou mergulhe em busca da liberdade. Ela é sua e está onde menos você espera. Vá ser feliz, cara, ou foda-se de uma vez por todas, corda é o que não falta no supermercado!

A confissão revela-se inútil, servindo apenas para fazer desmoronar o frágil castelo de cartas que sua fantasia havia engendrado para construir um passado para si mesmo, um passado que pudesse expor aos olhos de Guida e de sua família. Este, portanto, não é um livro com um final feliz. Aliás, presente-se nele um final trágico, caso o atormentado Barrabás decida seguir o último conselho do delegado, possibilidade que se oferece para a imaginação do leitor. Mas é um livro que faz pensar, o que, por si só, já constitui uma grande qualidade.

Os Editores

Consolidando seu percurso de escritora talentosa, madura, segura no ofício de escrever, Adeline da Silveira Barros nos brinda com Barrabás, o terceiro romance de sua carreira.

Como narrativa confessional, escrita com foco narrativo em primeira pessoa, ela permite que o eu narrador fale de sua vida a partir de uma visão pessoal: ao mesmo tempo que anuncia sua culpa e lança dúvidas sobre esse delito (só desvendado no final do livro), constrói uma imagem positiva de si mesmo, privilegiando enfoques, revelações e comentários que "dignificam" sua trajetória.

No processo de acerto de contas com o passado o personagem realiza uma viagem ao local em que viveu sua infância e adolescência, viagem que se realiza no plano concreto, quando convence a mulher a acompanhá-lo naquele ritual de retorno a espaços e tempos silenciados, e também no plano simbólico, quando dialoga com o personagem sentado no banco de trás do carro, num processo de reconfiguração de sua culpa e de busca da punição.

A temática trabalhada neste romance, assim como em Um jeito torto de vir ao mundo é a busca da identidade. Seu herói enfrenta o desconforto de não saber sua origem, de não ter respostas para perguntas sobre seus pais, sobre as razões de sua família adotiva para acolhê-lo. Dessa temática deriva o conflito central trabalhado por meio de um jogo narrativo feito de intertextos, flashbacks, cortes e retomadas narrativas. Enriquecida também pelo significado do episódio bíblico associado ao nome Barrabás, a trama consegue criar um clima de tensão e de curiosidade, que surpreende, instiga e segura a atenção do leitor até o desfecho final da narrativa.